

ENTRE A VIDA E A OBRA: A CASA DO SOL COMO BIOESCRITA

Fernanda Shcolnik (UERJ)

RESUMO: Na década de 1960, Hilda Hilst se transfere da cidade de São Paulo para uma chácara nas imediações de Campinas. Atribuindo a mudança à necessidade de escrever, a escritora idealiza e projeta a Casa do Sol como espaço de criação literária e, ao mesmo tempo, como morada. Assim, constrói uma residência pessoal que funcionaria, também, como residência criativa - espaço onde Hilst viria a produzir toda a obra literária que escreveria a partir de então e onde outros artistas produziram suas obras. A partir de narrativas da própria escritora e de amigos sobre a construção e a vida na Casa do Sol e com base em minha visita à Casa, como participante do Programa de Residências promovido pelo Instituto Hilda Hilst, apresento, no presente trabalho, uma leitura da Casa do Sol como mais uma obra de Hilda Hilst, conjugando os espaços de vida e de escrita literária. Abrigando as tensões entre vida e obra, subjetividade e vida literária, e tumultuando, também, os espaços do público e do privado, a Casa permite-nos situá-la no território das bioescritas.

Palavras-chave: Casa do Sol. Hilda Hilst. Bioescritas. Autoria. Vida Literária.

Na década de 1960, Hilda Hilst se transfere da cidade de São Paulo para uma chácara nas imediações de Campinas. Atribuindo a mudança à necessidade de escrever, a escritora idealiza e projeta a Casa do Sol, uma residência pessoal que funcionaria, também, como espaço de criação literária – onde viria a produzir a maior parte de sua obra.

No artigo “Hilda Hilst e o espaço de pensar o humano”, Gutemberg Medeiros afirma que talvez a Casa do Sol tenha sido uma das principais obras da escritora, “a obra que antecedeu outras de suas obras” (MEDEIROS, 2014, s/p). Na esteira dessa afirmação, pretendo, neste trabalho, apresentar uma leitura possível da Casa do Sol como mais uma obra de Hilda Hilst, que conjuga os espaços de vida e de escrita literária, situando-se no espaço das bioescritas.

Ao idealizar a mudança para Campinas, Hilda pensou toda a estrutura da casa. De acordo com Destri e Folgueira, o projeto consistia em

uma casa de dois andares, com um pátio retangular ao meio, janelas em arco e uma varanda na frente. As paredes foram pintadas de branco. Mais tarde, uma pintura em tom de rosa envelhecido deveria dar à casa aparência de antiga (DESTRI; FOLGUEIRA, 2006, p. 54).

O segundo andar não chegou a ser construído, sendo a casa composta por um pátio interno que dá acesso aos demais cômodos.

Dado que o projeto foi pensado tendo em vista o objetivo da autora de se dedicar exclusivamente à atividade de escrever, a própria estrutura física do local apresenta relação com o ofício de escritor. O pátio, rodeado por dez arcos, é inspirado na arquitetura de conventos espanhóis, o que remete à ideia de reclusão e recolhimento, também necessários ao trabalho com a literatura.

Ao que tudo indica, a escritora perseguia, de fato, o recolhimento, procurando construir um ambiente propício à produção literária. A ideia, de acordo com Hilda Hilst, surgiu da leitura de *Carta a El Greco*, de Nikos Kazantzákis, que a escritora ganhara do amigo e poeta português Carlos Maria de Araújo. Como afirmam Destri e Folgueira,

motivada pela leitura de *Cartas a El Greco*, de Nikos Kazantzákis, livro que prega uma nova relação do homem com Deus e com a natureza e a necessidade de isolamento para conhecer realmente o ser humano, a escritora iniciou um período de introspecção, que duraria sua vida inteira” (2006, p. 56).

Para Medeiros, o livro “propõe que se o escritor quer abordar o mais profundo da condição humana, deve se isolar completamente”. Em depoimento, Hilda Hilst declara: “Quando li esse livro, *Carta a El Greco*, resolvi mudar para cá. Resolvi mudar minha vida. Eu tinha uma casa gostosíssima em São Paulo (...). Aí, li o livro e mudei minha vida” (DINIZ, 2013, p. 197). Em outra ocasião, afirma: “Esse livro me deixou assim absolutamente perturbada (...), o que ele tem a dizer é tão importante que eu preferi, então, sair de lá para começar a aprender outra vez as coisas, e vim morar aqui. E aqui foi um começo de bastante solidão. Eu tinha uma vida bastante agitada e aqui fiquei numa vida mais concentrada, mais dentro de mim” (DINIZ, 2013, p. 78). Ainda nas palavras da escritora, “acho que é verdade que qualquer pessoa que deseje realmente fazer um bom trabalho tem que ficar isolada, tem que tomar um distanciamento” (IDEM, p. 124).

De fato, ao passar a viver ali, transformações relevantes ocorreram na obra de Hilda Hilst. É na Casa do Sol que a escritora, até então poeta, escreve suas oito peças de teatro. Também no espaço da Casa Hilda se lança à escrita de ficção em prosa, que marca uma ruptura radical com seus trabalhos anteriores – a dicção poética filiada a uma estética do sublime –, com textos em que é marcante a transgressão da forma, em um trabalho regido por uma estrutura em fluxo e pelo monólogo interior, situando-se na estética do romance

moderno, tendo como referência autores como Samuel Beckett e Franz Kafka, dos quais Hilda era leitora. Em algumas entrevistas, Hilda relaciona o estilo de vida na Casa do Sol ao aprofundamento de sua obra, situando a Casa como aspecto determinante de sua produção literária a partir de então. Ela afirma, por exemplo: “Foi justamente nesse lugar, nesse sítio que eu, longe de todas aquelas invasões e das minhas próprias vontades e da minha gula diante da vida, pude escrever o que escrevi” (DINIZ, 2013, p. 124).

Os depoimentos em que Hilda relaciona a construção da casa à escolha de uma vida pautada pelo trabalho literário evidenciam a construção, por parte da autora, de uma narrativa que situa a Casa do Sol como protagonista de transformações nos eixos de vida e, sobretudo, de sua obra. Através de sucessivas repetições desse discurso, Hilda consolida o mito baseado na indissociabilidade da Casa do Sol em relação à literatura produzida ali. Utilizando-se do espaço midiático, principalmente as entrevistas, ela eleva a Casa do Sol a um lugar de importância para a produção de sua literatura, atrelando-a, assim, à sua assinatura.

Como consequência, a Casa do Sol passa a ser mencionada em reportagens sobre a escritora, tornando-se indissociável dos registros a seu respeito. Em matéria de 1971, temos um texto altamente subjetivo, calcado na narração da jornalista de sua ida à Casa do Sol. A descrição do ambiente é permeada por aspectos que mitificam a Casa, dado o encantamento provocado pelo primeiro contato com o lugar: “Alguma coisa muito especial ronda por volta. Tenho vontade de comprar um pedaço de terra e viver ali” (SCWARTZKOPPT, s/p, 1971).

A jornalista transforma sua visita à Casa do Sol em uma experiência única. Certamente, a opção por este viés não é casual, pois está de acordo com uma abordagem que explora uma aura de misticismo e excentricidade em torno do universo de Hilda Hilst, comum em muitas matérias jornalísticas do período em questão. No momento em que estão jantando na cozinha, afirma-se:

Alguma coisa mais vai acontecendo. Me deixo envolver por aquelas criaturas amáveis, amigas, e sinto o sentimento lá da infância, alguma coisa terna e profunda, e ouço as vozes se entrelaçando (...) (IDEM).

Aos poucos, esse tom de encantamento se transfere da Casa para a figura de Hilda Hilst, a quem se atribui a mesma aura idealizada que vemos na descrição da Casa do Sol:

“Vejo claramente que todos estão imantados por Hilda, que lhes dá alento, vida. Tomamos um vinho rosé, suave. Os cachorros rondam por ali”. (IDEM). Quando o foco recai sobre a figueira, que Hilda faz questão de mostrar à visitante, essa aura especial e misteriosa se aprofunda:

Hilda me leva ao jardim: ‘Venha ver a figueira. Ela realiza os desejos de quem a toca’. Embaixo de um céu claro, com estrelas muito brilhantes, está uma imensa figueira, uns trinta metros de diâmetro. (...) Nesse momento me volto e me surpreendo ao ver seu vulto levitando no espaço. Como? Percebo então que Hilda está sentada num balanço sustentado por cordas presas a um galho da figueira, lá no alto (IDEM).

A menção à figueira é significativa, pois ela se tornou um marco da Casa do Sol, um dos aspectos constitutivos do mito construído por Hilt em torno da casa. Tendo sido a razão da escolha de Hilda pelo terreno para construção da casa, a figueira tornou-se um símbolo da Casa do Sol, e em torno dela foram criados alguns mitos, como o de que ela teria atendido, de imediato, a três desejos do escritor Caio Fernando Abreu, nos anos em que viveu ali. Hilda sempre falava da figueira como uma árvore mágica, por realizar desejos de quem a visitava. Na verdade, a mitologia em torno da figueira remonta à antiguidade, e tem como principal razão a sua longevidade, sendo esta árvore considerada mágica e sagrada. De acordo com Márcia Fernandes,

a figueira é considerada a Árvore Sagrada da Índia e juntamente à oliveira e à videira, simbolizava a fartura e a imortalidade. Os antigos egípcios utilizavam a figueira em rituais de iniciação, pois ela representava a sabedoria religiosa. Atualmente, as folhas da figueira são usadas em esculturas e pinturas para cobrir os genitais, tornando-se símbolo de castidade. A figueira de bengala é a casa dos espíritos que representam a vida e a procriação. No budismo, a figueira passou a ser o eixo do mundo, pois (...) simboliza aprendizado, imortalidade e iluminação. (FERNANDES, 2011).

Em matéria de 1981, também ganha destaque o ambiente da Casa do Sol. De acordo com a repostagem, Hilda Hilst:

mora numa casa que tem ares de convento; as janelas não têm cortinas e nem se vê (sic) tapetes no chão. Todos os ambientes, à semelhança daquelas casas religiosas, convergem para um pátio sossegado e

doméstico, onde sobressai uma fonte; cachorros preguiçosos; passarinhos; plantas, naturalmente e a figura alegremente barulhenta de um papagaio (...). (RUSCHEL, 1981).

A repórter prossegue detalha alguns aspectos da casa, como a presença de quadros de Mira Schendel, Maria Bonomi e Aloizio e Giselda Leiner nas paredes e de muitas fotografias dos familiares e amigos da escritora. Destaca-se a quantidade de mesas “distribuídas por toda parte, todas repletas de livros que indicam autores pouco comuns como Albert Camus, Carl Jung, Samuel Beckett, Franz Kafka, Otto Rank, os quais Hilda consulta frequentemente” (IDEM). Toda a atmosfera da Casa do Sol é associada à imagem de escritora que se deseja vincular à Hilda, sendo a sua residência, de acordo com a reportagem, um lugar “apropriado para a meditação e o trabalho intelectual” (IDEM).

De sua parte, após a mudança para a Casa do Sol, Hilst passa a cultivar uma imagem que destoa da anterior, da escritora conhecida por figurar em colunas sociais nos eventos da alta sociedade paulistana e pela vida boêmia junto à intelectualidade em São Paulo. Ela passa a usar túnicas, performatizando e deixando-se fotografar em uma versão muito diferente da conhecida antes da mudança para a Casa do Sol. Como afirmam Destri e Diniz, “a ligação de Hilda com a terra, proporcionada pela chácara, a vida rústica e afastada da badalação, suas referências frequentes a santas e a temas espirituais – tudo isso precipitou um retrato quase místico da autora” (2010, p. 39). A apropriação da mídia da imagem de escritora reclusa tendo a Casa do Sol como elemento catalisador reforça a construção dessa narrativa, consolidando o mito da escritora isolada da vida social, em sua chácara.

A um só tempo morada e espaço de criação, a Casa do Sol passa a funcionar como eixo entre vida e obra, tornando-se marca das menções públicas a Hilda Hilst. Pode-se dizer que a Casa une duas pontas que necessitavam ser amarradas – o interesse de Hilst pelo misticismo e a religiosidade e sua escolha pelo trabalho literário, que ela relatava intuir desde cedo, quando dizia à sua mãe que queria ser escritora, e não bailarina (LAMBERT, 2010).

A despeito do isolamento que passou a marcar a imagem pública de Hilda Hilst, é sabido que a escritora recebia amigos com frequência, a maioria artistas, físicos e intelectuais. Alguns chegaram a ser convidados para morar em sua casa, como é o caso do escritor Caio Fernando Abreu, que viveu na Casa do Sol entre 1968 e 1969, e do artista

plástico Jurandy Valença, que se transferiu para lá na década de 1990. Hilda também contou com a companhia permanente do escritor José Luís Mora Fuentes, principal interlocutor da autora acerca de sua obra, e da artista plástica Olga Bilenky, que até hoje reside ali. Logo a Casa do Sol tornou-se ponto de encontro de artistas e intelectuais, funcionando como local de produção artística e de debates sobre arte, literatura e temas afins.

Nos ambientes da Casa, é possível encontrar marcas de seus moradores, como esculturas de Dante Casarini, ex-marido de Hilda Hilst, quadros de Olga Bilenky e o vasto jardim, plantado e cuidado por Mora Fuentes. A presença dessas obras sugere a construção coletiva de um ambiente que mescla criação e laços afetivos, mantendo viva a memória da Casa do Sol em seu próprio espaço, marcado por criações artísticas que interferem na formatação do ambiente.

Além de abrigar a própria memória enquanto espaço de convivência e produção artística, a casa abriga a memória afetiva e biográfica de Hilda Hilst. São exemplos disso o painel de fotografias de amigos da escritora e o altar composto por objetos religiosos que Hilda colecionava, ambos localizados na sala de jantar. Em uma das paredes do quarto de Hilda Hilst, encontram-se fotos de escritores e filósofos admirados, e que serviram de referência para a construção de sua obra, como Kafka, Sartre, Wittgenstein e Kazantzákis. Entre eles, figura a foto de Apolônio Hilst, pai da escritora e também adorado por ela enquanto homem das letras. Todos esses elementos constituem aspectos fundadores da construção memorialística de um acervo a um só tempo biográfico e literário que se estende por todos os ambientes da casa.

Assim, podemos afirmar que a própria estrutura física da Casa do Sol, por um lado, e a narrativa construída por Hilda Hilst acerca da importância da Casa para a produção de sua literatura, por outro, fazem da Casa do Sol uma obra da escritora. Trata-se, em última instância, de um local que funciona como uma das peças da encenação de si como escritora, pois remete à escolha de Hilda Hilst pela literatura como atividade primordial e simboliza um momento de transformação de vida que permite a produção de toda a sua obra.

Tomando as palavras da pesquisadora Eneida Leal Cunha em seu estudo sobre a Casa Jorge Amado, podemos afirmar ser a Casa do Sol

uma construção autobiográfica com forte assinatura, que desconhece as fronteiras entre vida e obra e tumultua os limites entre a esfera pública e os domínios do privado. Como um texto autobiográfico, a casa impõe a sua própria narrativa, aberta à leitura, mas resistente às interpretações que a desvirtuem, que rasurem ou alterem a imagem instituída do escritor (...)” (CUNHA, 2003, p. 125).

Não é à toa que a equipe do Instituto Moreira Salles realizou um ensaio fotográfico da Casa do Sol, incluída nos Cadernos de Literatura Brasileira sobre a escritora. O ensaio foi utilizado, posteriormente, pela editora Globo no projeto gráfico dos livros de Hilda Hilst, relançados a partir de 2001. A presença da Casa do Sol em suportes que legitimam a consagração de Hilda Hilst mantém a memória da escritora atrelada à Casa, que se consolida como aspecto constitutivo do imaginário relacionado ao nome de Hilda Hilst e sua obra.

Ao erigir a Casa do Sol, Hilda idealiza para si um caminho de vida, ao mesmo tempo em que molda uma persona enquanto escritora, desencadeando um processo de invenção de si que problematiza a separação dos eixos vida e obra, em convergência pela existência da Casa do Sol. Assim, literatura e experiência coabitam um mesmo espaço, que se expande à assinatura de Hilda Hilst e à autoficcionalização promovida pela escritora. Abrigando as tensões entre vida e obra, subjetividade e vida literária, e tumultuando os espaços do público e do privado, a Casa do Sol permite-nos, assim, situá-la no território das bioescritas.

Referências

CUNHA, Eneida Leal. “A ‘Casa Jorge Amado’”. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (org). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DESTRI, Luisa; FOLGUEIRA, Laura. *Maldita, devota: Episódios da vida de Hilda Hilst*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo), Faculdade Cásper Libero, São Paulo, 2006.

DINIZ, Cristiano (org). *Fico besta quando me entendem*. São Paulo: Globo, 2013.

FERNANDES, Márcia. *A simbologia das árvores e plantas*. 2011. Disponível em: <http://blog.marciafernandes.com.br/a-simbologia-das-arvores-e-plantas/>. Acesso em: set. 2015.

MEDEIROS, Gutemberg. *Hilda Hilst e o espaço de pensar o humano*. Kulture, 2014. Disponível em: <http://kultme.com.br/kt/2014/02/10/hilda-hilst-e-o-espaco-de-pensar-o-humano/>. Acesso: fev/2014.

RUSCHEL, Rita. *Apenas uma mulher que escreve*. In: *Cláudia*. Out. 1981.

SCWARTZKOPPT, Hella. *Hilda Hilst: Perto do coração selvagem*. In: *Aqui*. São Paulo. 10-16 ev. 1971.